UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS - RIO CLARO

EDUCAÇÃO FÍSICA

CLEBER HENRIQUE DE ALMEIDA LEITE

BULLYING E ATIVIDADE FÍSICA_PERSPECTIVAS DA PSICOLOGIA DO ESPORTE

Rio Claro
2011

Cleber Henrique de Almeida Leite

BULLYING E ATIVIDADE FÍSICA__ PERSPECTIVAS DA PSICOLOGIA DO ESPORTE

Orientador: Afonso Antonio Machado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Rio Claro, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Rio Claro
2011

796.01 Leite, Cleber Henrique de Almeida
L533b Bullying e atividade física: perspectivas da psicologia do esporte / Cleber Henrique de Almeida Leite. - Rio Claro : [s.n.], 2011
37 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Bacharelado Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Afonso Antonio Machado

1. Esportes – Aspectos psicológicos. 2. Psicologia desportiva. 3. Educação moral. 4. Assédio psicológico. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

RESUMO

Bullying e Atividade física__ Perspectivas da Psicologia do Esporte

Introdução: O *bullying* é um termo em inglês utilizado para descrever atos de violência física e psicológica, praticados por um individuo ou um grupo de indivíduos com a intenção de intimidar ou agredir outro individuo (ou grupo de indivíduos) incapaz de se defender. O *bullying* pode ser dividido em duas categorias: o direto e o indireto; o primeiro é causado e praticado majoritariamente, por agressores do sexo masculino, enquanto o segundo é realizado por *bullys* (aquele que pratica o *bullying*, que faz a ação) do sexo feminino e crianças pequenas. Deliberadamente diversas atitudes podem ser caracterizadas como pratica de *bullying*, agressões físicas, agressões verbais, isolamento social, mensagens enviadas e disponibilizadas através da internet (*cyberbullying*). **Objetivo:** O objetivo do presente estudo foi analisar os efeitos causados pelo *bullying*, sua relação com a atividade física e a educação física, a atuação do professor de educação física e suas problemáticas perante esse novo atenuante educacional, pois há carência de estudos voltados para esse assunto na literatura. **Método:** Foi realizada uma pesquisa documental com reportagens, artigos científicos, de revistas e jornais e sites da web, que serão analisados por blocos de conteúdo. **Conclusão**: No decorrer do projeto, o estudo apontou que a negligencia diante da agressividade escolar tem permitido o desenvolvimento de atitudes pouco recomendáveis ou não-sociais que interferem no desenvolvimento das relações humanas. Isto tem provocado alguns deslocamentos sócio-psicológico que gerará atitudes de inibição e medo, originando comportamentos patológicos no agredido e recompensando grosseiramente o agressor.

Palavras-chave: *Bullying*, educação moral, assédio psicológico.

SÚMARIO

Página

1. **INTRODUÇÃO.....4**
2. **OBJETIVO.....8**
3. **REVISÃO DE LITERATURA.....9**
   - **3.1 Bullying: história, causas e conseqüências.....9**
   - **3.2 Bullying e atividade física.....14**
   - **3.3 A competição entre os alunos.....18**
   - **3.4 Levantamento entre o bullying e o desrespeito.....19**
   - **3.5 Comunidade e diversidade.....21**
   - **3.6 Observações preliminares e propostas de intervenção.....24**
4. **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....27**
   - **4.1 Dados coletados.....27**
5. **CONCLUSÃO.....31**
6. **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....34**

1. INTRODUÇÃO

Qualificado como um problema principalmente fundamentado na escola, o *bullying* passou a ser estudado mais intensamente pelo mundo todo. Com o crescimento da violência, as brigas no âmbito escolar tornaram-se mais freqüentes, além disso, casos de depressão, aumento do número de faltas, discussões e demais problemas entre os alunos, colocaram na mídia o crescimento e a propagação dessa prática como forma de violência.

Essa prática violenta apresenta uma notoriedade internacional. Por ano, cerca de 350 milhões de crianças são alvo de *bullying* em todo o mundo. Tornando esse fenômeno uma das principais causas de abandono, e evasão de instituições de ensino.

Após tragédia ocorrida na Noruega, Dan Olweus, um dos precursores a abordar sobre esse tema, iniciou seus estudos no final da década de 1970, nas escolas norueguesas. A partir daí outros estudos e campanhas passaram a serem realizadas no restante do mundo. Em 1996, na Espanha, a Universidade de Sevilha criou o programa, SAVE. No mesmo ano, o Ministério da Educação da Noruega cria o *Norwegian Program of Preventing and Managing Bullying in Schools,* ambos os programas para prevenção e controle do *bullying* (FANTE, 2005). Outros países da Europa, Ásia e África e Oceania passaram a adotar projetos posteriormente com a mesma finalidade.

No Brasil, os estudos começaram a partir do ano 2000, com a publicação dos primeiros trabalhos e livros a respeito dessa problemática, trabalhando formas de intervenção, apresentação de dados estatísticos referentes à nossa realidade, buscando combater o *bullying* em território nacional (LOPES NETO e SAAVEDRA, 2003; CATINI, 2004; CONSTANTINI, 2004; FANTE, 2005; BEAUDOIN e TAYLOR, 2006).

Dois programas alcançaram destaque e divulgação nacional e internacionalmente. O "Programa Educar para a Paz", que apresenta como objetivos primordiais o diagnostico do problema *bullying,* e a promoção de estratégias psicopedagógicas para contorná-lo (FANTE, 2005). E o da ABRAPIA, "Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes", realizado entre 2002 e 2003, que buscou alternativas para solucionar os casos de agressão e violência em escolas do Município do Rio de Janeiro (LOPES NETO e SAAVEDRA, 2003).

Segundo Cury (1998; 2003), em sua teoria da inteligência multifocal, a memória é a caixa de segredos da personalidade. O que somos, o mundo dos pensamentos e o universo de nossas emoções são produzidos a partir dela. A personalidade não é estática e sua transformação depende da qualidade de arquivamento das experiências ao longo da vida.

Na infância as zonas de conflito da memória são formadas, por isso quando adultos temos mais resistência às mudanças e para isto devemos ser flexíveis, pois nada é estático na psique, tudo pode ser superado e reconstruído. Portanto, quanto mais cedo ocorrerem as interferências na esfera escolar, teremos mais chances de êxito na formação de alunos-cidadãos comprometidos com uma sociedade mais justa e igualitária.

Apesar de ser um problema comumente caracterizado no âmbito escolar, a prática do *bullying* incide ainda em diversos âmbitos sociais. Por tratar-se de um fenômeno social, pode surgir em diversos contextos, em função das relações interpessoais de crianças, jovens e adultos, tais como: trabalho (*workplace bullying*), prisões, asilos de idosos, orfanatos, família, clubes, áreas de lazer, meios de comunicação (*cyberbullying* - através da internet, mensagens e orkut - telefonia celular), dentre outros.

No trabalho pode ser caracterizado normalmente pelo abuso de poder, e através das chantagens, enquanto no lazer através das “brincadeiras” ofensivas, e apelidos pejorativos. Porém, diante desta situação e buscando ampliar o leque de abrangência do trabalho, com constatações e explicitações contundentes, avançamos para outro espectro social de igual relevância que é o *bullying* e suas ações diretas e indiretas no âmbito do esporte escolar e no ambiente escolar, como um universo maior, suas implicações na origem de novos atletas, no caminho

esportivo dos futuros profissionais e na atuação daqueles que um dia poderão ser a esperança de toda uma nação.

Enfim, qual a definição desse fenômeno recente para a literatura, porém antigo para o ambiente acadêmico? *Bullying* é um termo em inglês que caracteriza um tipo de violência direta ou indireta, praticada por um individuo, ou grupo de indivíduos sem motivação evidente de forma intencional e repetitiva com o objetivo de intimidar e ou agredir outra pessoa.

As atitudes do *Bulley* (aquele que pratica a ação de intimidar e ou agredir) podem ser divididas em diretas e indiretas, segundo Lopes Neto e Saavedra (2003:18): ações diretas: subdivididas em físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidos, insultos, atitudes preconceituosas), e as ações indiretas (ou emocionais): relacionam-se com a disseminação de histórias desagradáveis, indecentes ou pressões sobre outros, para que a pessoa seja discriminada e excluída de seu grupo social.

Diversos fatores podem induzir o inicio da prática do *bullying*. Diferenças físicas e ou psicológicas, o modo de andar, agir, de se vestir (exemplo majoritariamente feminino), a fala, condição financeira, desempenho escolar, e assim por diante.

No domínio escolar, um setor característico e propenso para a prática do *bullying* é a aula de educação física. Durante a atividade física, as características físicas, a coordenação motora, o desempenho motor, diferenças em relação a habilidade, tornam-se mais evidentes, enaltecendo assim algumas diferenças físicas e psicológicas. Porém não é esse o papel proposto pelo profissional de educação física.

De acordo com a modificação na prática pedagógica, seus objetivos e fins deveriam ser adaptados para um novo contexto. Devemos como profissionais de Educação física, adotar e assumir a responsabilidade de formarmos cidadãos críticos e conscientes, aptos a refletir sobre as novas tendências do esporte, das práticas alternativas, novas formas de cultura corporal, etc. (BETTI; ZULIANI, 2002).

A Educação Física, através de seus profissionais, deve dar a sua contribuição para a superação da violência e das discriminações, que deixam marcas, por vezes irreversíveis, nos alunos excluídos, seja no aspecto corporal, moral ou emocional. Devemos ressaltar que a Educação Física poderá dar a sua contribuição específica, porém faz-se importante a ação conjunta de uma equipe multidisciplinar para que se obtenha resultados mais efetivos, frente à complexidade dos fatos envolvendo o bullying.

Sendo assim, como trabalharíamos essa problemática num meio baseado no exercício físico e na atividade física? Quais deveriam ser as atitudes tomadas por uma comissão técnica, em relação a determinadas atitudes feitas por seus atletas? Quais deveriam ser as propostas e intervenções feitas pelos professores de Educação Física? Diversos são os fatores determinantes para o aumento ou não dessa prática no âmbito esportivo e escolar, física e psicologicamente.

A busca de soluções depende muito do comprometimento profissional e de um trabalho articulado entre diversas áreas de conhecimento científico. A ação conjunta de uma equipe multidisciplinar propiciará possibilidades de resultados mais efetivos no combate ao bullying, frente às diversas facetas e desdobramentos que podem ocorrer durante o período de permanência deste fenômeno.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que apenas irá a campo por meio de documentos (caracterizando uma pesquisa documental) que tratem da questão. Revistas atuais, jornais, reportagens e demais meios de comunicação darão o estofo teórico e o material de análise da temática, favorecendo a contextualização e a discussão do problema focado.

Diante do exposto, estaremos analisando este fenômeno fortemente apresentado nas sociedades pós-modernas, trazendo fatos, idéias e reflexões veiculadas em documentos midiáticos, que serão esmiuçados em nossa narrativa.

2. OBJETIVO

O objetivo do presente estudo é analisar os efeitos causados pelo *bullying*, sua relação com a atividade física e a educação física, a atuação do professor de educação física e suas problemáticas perante esse novo atenuante educacional, por meio de artigos científicos, reportagens de jornais e revistas, pois há carência de estudos voltados para esse assunto na literatura.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Bullying: história, causas e consequencias.

Apesar de ser um tema aparentemente novo, explorado há pouco tempo pela mídia, o bullying apresenta-se ativo em diversos âmbitos sociais faz algumas décadas. O primeiro caso que comoveu o mundo e nos alertou frente a essa nova forma de violência ocorreu por volta de mais de 40 anos atras, quando 3 crianças norueguesas cometeram suicídio após serem alvo de vários ataques cometidos obstinadamente por seus “colegas” de escola.

Diante deste fato, as autoridades dos países escandinavos passaram a financiar pesquisas e propostas educativas para o controle do *bullying*. A partir daí, as pesquisas tiveram seu desenvolvimento acelerado, contando com a participação e envolvimento de Dan Olweus, da Universidade de Bergen na Noruega, que propagou suas descobertas para a Europa e resto do mundo.

No ponto de vista de Olweus (1995), é necessária uma abrangência maior de conhecimento nas diferentes culturas, possibilitando assim uma oferta maior de propostas de intervenção. Mesmo em se tratando de um problema antigo, e apresentado a mídia há décadas atrás, o *bullying* mostrou-se presente nos ambientes escolares mesmo antes de ser um problema manifestado através de estudos iniciais (OLWEUS, 1995). Visto como um objeto de estudo, o *bullying*, é caracterizado como um fenômeno recente (LOPES NETO e SAAVEDRA, 2003; FANTE, 2005).

Abrangemos esse fenômeno como enraizado às bases teóricas da violência e agressão. Buscando explanar sobre a definição de *bullying,* devemos estabelecer uma conexão com a Psicologia Social, onde, Rodrigues, Assmar e Jablonski, (2000), definem a agressão como “como qualquer comportamento que tem a intenção de

causar danos físicos ou psicológicos em outro organismo ou objeto”.

A tradução literal do termo *bully* significa ameaçar, intimidar, dar trote, fanfarronar e bravatear. Como não existe na língua portuguesa uma palavra capaz de expressar as situações de *bullying*, as seguintes ações podem estar relacionadas a esta prática: colocar apelidos pejorativos, ofender, zoar, encarnar, intimidar, tiranizar, assediar, amedrontar, discriminar e agredir.

O termo *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, ocorrendo dentro de uma relação desigual de poder. Significa usar o poder ou força repetidamente para intimidar, perseguir ou chantagear pessoas que, sem defesas, abatem-se, causando um enorme prejuízo à formação psicológica, emocional e sócio-educacional da vítima (ABRAPIA, 2005; FANTE, 2005; BEAUDOIN E TAYLOR, 2006).

Quaisquer que sejam as diferenças caracterizam-se nelas um motivo para ofensas e discussões, quando o aluno mais “gordinho” fica por último a ser chamado para jogar na aula de educação física, e no decorrer do jogo sofre diversos apelidos tornando-se base para diversas chacotas e gozações, é qualificado *bullying*, da mesma forma acontece quando uma menina se veste de determinada maneira à provocar inveja ou outro sentimento qualquer no restante do público feminino, podendo acarretar em insinuações, ofensas, provocações, e assim por diante.

A atuação de um indivíduo perante determinados casos de *bullying* pode ser qualificada e caracterizada de diferentes maneiras. Quanto ao envolvimento direto relacionado a pratica da ação, autores e ou agressores, esses são os alunos normalmente mais fortes que freqüentemente vivem em famílias desestruturadas, em relação ao aluno ou individuo que apenas sofre os diversos tipos de agressão, pode se caracterizá-lo como alvo ou vítima, normalmente não possui atributos para interferir às agressões, são pouco sociáveis, inseguros e mais fracos que os *bulleys*.

Por sentirem-se indefesos frente aos ataques sofrem calados por vergonha da exposição ou por medo de represálias dos seus agressores, tornando-se reféns

de emoções traumáticas, destrutivas que podem culminar em vinganças e suicídios. (FANTE, 2005; BEAUDOIN E TAYLOR, 2006; TEIXEIRA, 2006).

Há também aqueles que ora praticam, ora sofrem o *bullying*, comumente são sujeitos que tendem a transferir agressões do passado em indivíduos mais vulneráveis, e por último temos os indivíduos que não participam diretamente, porém mantêm-se calados mesmo convivendo num ambiente rodeado por casos de violência, esses são classificados como testemunhas ou simples espectadores.

Ao relacionarmos a prática do *bullying* com a questão do gênero, ou seja, a analogia entre a função exercida pelo gênero masculino e feminino, referente às agressões físicas ou psicológicas, e a sua correspondência com a do público feminino, a literatura nos informa que, a prevalência do gênero masculino é maior, mais freqüente, ora como autores, ora como alvos.

Porém mesmo com uma predominância menor, o gênero feminino se faz presente no exercício dessa forma de violência, principalmente como prática de exclusão e difamação (BALLONE, 2005). Toda e qualquer forma de violência implica numa conseqüência, que, pode ser prontamente estabelecida, ou contemporizar um ato impopular ou desmedido diante de outra pessoa. Decorrente das atitudes impostas pelo *bulley*, o indivíduo alvo torna-se depressivo, anti-social, um sujeito estressado e amedrontado que se esconde dos amigos e família, começa a evacuar-se suas atividades corriqueiras, desenvolvendo posteriormente um quadro de depressão e ansiedade.

Para Fante (2005, p.9) o bullying "estimula a delinqüência e induz a outras formas de violência explícita, produzindo cidadãos estressados, deprimidos, com baixa auto-estima, capacidade de auto-aceitação e resistência à frustração, reduzida capacidade de auto-afirmação e de auto-expressão". Dependendo das situações geradas, pode proporcionar doenças psicossomáticas, transtornos mentais e psicopatologias graves.

Teixeira (2006) afirma que os alunos-vítimas podem apresentar, dependendo da gravidade dos fatos, transtornos comportamentais associados como: fobia social, distimia, depressão, transtornos invasivos do desenvolvimento (síndrome de Asperger e autismo infantil), transtornos disruptivos (transtorno desafiador opositivo,

transtorno de conduta), transtorno de déficit de atenção / hiperatividade, transtorno bipolar do humor, depressão infantil e fobia escolar.

Estes casos devem ter o acompanhamento de um profissional habilitado para que possam ser identificados e tratados devidamente. As vítimas geralmente apresentam diferenças em relação ao grupo no qual estão inseridas, como por exemplo: obesidade, baixa estatura, deficiência física, aspectos intelectuais, culturais, étnicos, religiosos, esportivos, sexuais e financeiros, dentre outras.

Já o autor dessas agressões pode apresentar no transcorrer da sua vida atitudes ainda mais violentas, passa a acometer com mais freqüência sua participação em brigas e discussões, e ainda, adotar atos de delinqüência e ou criminosos. Em que pese o fato de não haver sofrido agressões, diretamente, as testemunhas das mesmas alteram suas atitudes por não conseguirem estudar e sociabilizar num ambiente tranqüilo e seguro. Este desconforto ou incomodo pode acarretar e ou influenciar de forma negativa no decorrer de seu desenvolvimento escolar, educacional e social (LOPES NETO e SAAVEDRA, 2003).

Os agressores são pessoas, geralmente, sem limites (familiar, social, ...), que gostam de experimentar a sensação de poder, apresentam dificuldades de relacionamento social, são inseguros, carentes afetivamente e inadequados, sofrem intimidações em suas casas, já foram vitimas de algum tipo de abuso, são freqüentemente humilhados por outros e vivem sob constante pressão para que tenham sucesso em suas atividades rotineiras. Estudos realizados em diversos países já sinalizam para a possibilidade de que estas pessoas venham a se envolver em atos de delinqüência ou criminosos (ABRAPIA, 2005).

O *bulley* impõe seu comportamento ao grupo, atraindo seguidores que passam a compactuar com as agressões. Esses seguidores, em função da necessidade gregária, passam a efetuar agressões para serem aceitos no grupo, ampliando o problema.

Vale ressaltar que os alunos-agressores podem estar querendo chamar a atenção para suas dificuldades e inseguranças e necessitam serem ouvidos, compreendidos, auxiliados em suas carências e esta aproximação do professor com

eles pode romper com a cadeia de agressividades, conforme sugerem Beaudoin e Taylor, em seus recentes estudos (2007).

As testemunhas são alunos que não sofrem, nem praticam bullying, mas convivem em um ambiente onde ele ocorre. Geralmente se calam em função do temor de se tornarem as próximas vítimas e se sentem incomodados com o que vêem e inseguros sobre o que fazer.

É importante ressaltar que tanto as vítimas, como os agressores e as testemunhas devem receber a devida atenção no processo educacional, visando a superação do problema. Deve existir, portanto, um enfoque multidisciplinar para a obtenção de resultados efetivos no combate ao bullying na escola.

Um atenuante para o crescimento dessa violência dissipada principalmente no universo dos jovens seria o avanço da tecnologia. Aliado a falta de fiscalização e punição perante alguns casos de difamação, injúria ou qualquer outro tipo de violência velada feita em anonimato, aumenta ainda mais a propagação desse abuso. A utilização dos diversos meios de comunicação para fins que possam denegrir outro indivíduo através de ‘blogs’, ‘fotoblogs’, mensagens, vídeos, criou uma nova nomenclatura para o *bullying*, o *cyberbullying*.

Aproveitando-se do anonimato, os usuários sentem-se seguros para a prática de ofensas, calúnias, graves agressões verbais, dentre outras facetas deste tipo de violência. O aumento dessa prática agressiva, e dos casos viabilizados pela mídia, impressiona tanto pais quanto professores, a idade dos autores (agressores) é cada vez menor e a incidência do fato é cada vez maior.

As reclamações dos alunos são de suma importância para detectarmos a presença de *bullying*, sendo assim, não devemos mandar o aluno revidar ou ignorarmos o fato, mas sim, buscarmos os procedimentos adequados e as providências cabíveis.

Utilização do diálogo na solução dos conflitos e a busca constante de uma relação empática com os alunos, baseada na afetividade, respeito e atenção individualizada. O professor deve aproximar-se tanto do aluno-vítima, como do aluno-agressor na tentativa de superar as situações de discriminação.

3.2 Bullying e atividade física

Ainda constatamos diversos tipos de exclusões, discriminações, rejeições e perseguições permeando as relações interpessoais referentes ao contexto escolar, mesmo inserida na considerada era da "Pedagogia da Inclusão". Considerando que a sociedade atual apresenta um quadro de inversão de valores e de violência explícita, a escola têm uma difícil missão de despertar o senso crítico em seus alunos, visando uma sociedade plural, de tolerância às diferenças e fraterna, pautada em princípios éticos, estéticos e morais.

Como diz Scott (2005), lidar com a situação de desigualdade é confrontar-se com o paradoxo, que é uma proposição que não pode ser resolvida pelas operações da lógica convencional, e que é falsa e verdadeira ao mesmo tempo. O preconceito acaba tornando-se uma forma de confronto perante qualquer forma de desigualdade, e ou diferença, por menor ou mais insignificante que seja.

Segundo Oliveira (2005 apud RODRIGUES, 2001), o preconceito pode ser definido como uma atitude hostil ou negativa, com relação a um determinado grupo, não levando, necessariamente, a atos ou comportamentos persecutórios.

Para muitas pessoas, a agressividade, e a violência, sejam elas físicas ou não, apresentam-se como uma forma de combater essa problemática. Este é um quadro de constrangimento comum nas escolas, em que as crianças e adolescentes em geral ainda não conseguem lidar normalmente com tais diferenças, e em forma de brincadeira, discriminam, agridem e principalmente excluem colegas, utilizando-se da agressividade como uma forma de expressar determinados sentimentos.

Para Myers (2000) a agressividade refere-se ao ato de ferir o outro, física ou simbolicamente, e as pesquisas sugerem que os homens, mais voltados às atividades tipicamente masculinas, como caçar, lutar e guerrear, são mais

propensos à agressividade do que as mulheres. Isto não quer dizer que o comportamento agressivo não apareça nas meninas, pois elas também o são, principalmente entre si.

O sentir-se rejeitado nas aulas de educação física é facilmente explicável, pois a disciplina, até bem pouco tempo (e ainda hoje), se pautava por um modelo reducionista em que o corpo, a aptidão física e o desempenho eram os objetivos mais importantes. A prática esportiva privilegiava aquelas que tinham um bom desempenho e que eram aptas a praticar aquelas modalidades esportivas associadas à velocidade, força, impacto e resistência.

A Educação Física no âmbito escolar deve ser entendida como uma disciplina curricular de enriquecimento cultural, fundamental à formação da cidadania dos alunos, baseada num processo de socialização de valores morais, éticos e estéticos, que consubstancia princípios humanistas e democráticos. Para isto, as estratégias de ação didático-pedagógicas devem estar voltadas para a suplantação de práticas injustas e discriminatórias.

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica deve assumir então outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi - la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida. “A integração que possibilitará o usufruto da cultura corporal de movimento há de ser plena – é afetiva, social, cognitiva e motora. Vale dizer, é a integração de sua personalidade” (BETTI, 1992, 1994a).

Segundo Rodrigues (2005, p. 32) e Fante (2005) a atenção do profissional de educação, para que fique atento a alunos agressivos ou violentos, zombadores e maldosos, porque em alguns casos o que se poderia interpretar como brincadeiras próprias da idade podem ser fonte de grande constrangimento e sofrimento a colegas mais tímidos, calados ou mais fracos, normalmente mais novos, com prejuízo sócio-educacional e emocional.

O professor deve ter cuidado para não se converter em agressor, entrando assim em sintonia com os praticantes do bullying. Para isto deve atentar para algumas situações, como: a forma de fazer as correções pedagógicas para não ridicularizar ou rotular alunos; evitar depreciações quanto ao rendimento deles; mostrar preferência por alguns e indiferença a outros; fazer ameaças, perseguições e comparações entre eles; colocar apelidos pejorativos, dentre outras posturas inadequadas.

O período das aulas deve servir para o exercício da prática social, investindo positivamente nas relações interpessoais, pautadas em valores humanos, como a cooperação, solidariedade, respeito, justiça, enfim, voltadas para a formação da cidadania. No processo de socialização devem prevalecer os princípios da equidade, cujos direitos sejam os mesmos para todos, e da alteridade, baseado no respeito e tolerância às diferenças individuais.

Segundo Saffioti (1987, p. 37): “Mulher despachada corre risco de ser tomada como mulher-macho”. Como os estereótipos sexuais são culturalmente dados, passa a ser considerado normal vermos o menino jogando bola, e meninas brincando de boneca, porém isto não quer dizer que as meninas só vão se interessar pelas atividades que lhes são predeterminadas pela sociedade.

A estratégia correta neste caso deveria ser de, discutir com a turma as questões das diferenças e tentar convencê-los através do diálogo sobre a obrigação do respeito, da não discriminação do outro durante as aulas, auxiliando a minimizar as exclusões nas aulas de educação física, e a desconstrução dos valores dominantes na sociedade de que homem, macho, tem que jogar futebol.

O *bullying*, neste caso, está relacionado à pratica esportiva. Segundo Vaz (2005) o futebol – no Brasil - é um jogo identificado como sendo masculino, porque as qualidades sociais atribuídas aos homens, como virilidade, agressividade e competitividade, entre outras, são toleradas e estimuladas no jogo de futebol, que é muito praticado, quase exclusivamente por garotos, nos espaços públicos e nas ruas.

Devido às diferenças de habilidades entre meninos e meninas, é comum vermos então surgirem conflitos de gênero, pois é inconscientemente que as crianças incorporam, através do cotidiano escolar, as identidades que, para Louro (2003) são “identidades de gênero” - aqui retraduzidas como identidades de grupo - quando os sujeitos se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos, fortes ou frágeis, corajosos ou medrosos.

Os jogos cooperativos apresentam-se como uma boa estratégia para a superação de conflitos associados ao fenômeno bullying. "O jogo cooperativo busca aproveitar as condições, capacidades, qualidades ou habilidades de cada indivíduo, aplicá-las em um grupo e tentar atingir um objetivo comum". (AMARAL, 2004, p. 13)

Estes jogos promovem a auto-estima e a convivência, sendo dirigidos para a prevenção de problemas sociais, antes de se tornarem problemas reais. Nestas atividades os alunos jogam uns com os outros e não contra, tornando-se parceiros, solidários em um empreendimento e não adversários; os participantes jogam pelo prazer e deixam aflorar a espontaneidade e a alegria de atuar; desenvolve a autoconfiança, pois todos são bem aceitos e importantes; estreita as relações sociais, desenvolvendo o senso de unidade no grupo; todos os jogadores vivenciam um sentimento de vitória e estimula a perseverança frente as dificuldades enfrentadas. (SOLER, 2002, 2005; AMARAL, 2004; BROTO, 2001).

A construção coletiva das regras de conduta e critérios de convivência nas aulas, podem garantir o compromisso e a responsabilidade no cumprimento destas, implicando, caso contrário, em sanções educativas. Vale ressaltar, que os conteúdos atitudinais devem ser valorizados, contribuindo também para o processo avaliativo dos alunos.

Uma forma de amenizar essa situação seria trabalhar com os alunos temas diversificados e atuais como a homossexualidade, e o preconceito, onde pudessem pensar e repensar em certas atitudes tomadas por eles próprios e por seus amigos, atenuando assim o respeito às diferenças. No entanto, em outras esferas sócio-culturais o fenômeno se repete e traz dimensões expandidas e alteradas, modificando um panorama social já comprometido pelo nível de disputa existente: falamos do esporte.

3.3 A competição entre os alunos

A competição parece ser o que une as atividades escolares, um elemento utilizado como motivador fundamental para seduzir as crianças a um desempenho. Ao longo do dia, os professores emitem um numero significativo de comentários competitivos – sem que jamais tenham consciência das implicações que estão por trás destes. Por exemplo, é comum os professores apresentarem os seguintes enunciados em tom de competição:

> "Quem terminar a limpeza primeiro vai me ajudar com o lanche."
>
> "Assim que tiverem resolvido o problema de matemática, levantem da cadeira."
>
> "O primeiro a ficar quieto e comportado na fila vai ficar encarregado da luz."
>
> "Quais de vocês serão os primeiros a entregar o dever de casa?"
>
> "Vamos ver: aqueles que conseguirem ficar quietinhos, nos seus lugares e com o trabalho na mão, saem para o recreio primeiro."

Se os professores prestassem atenção no que falam em sala de aula por apenas meia hora, ficariam espantados com a quantidade de enunciados em tom de competição que apresentam.

A competição pode ser uma forma fácil de aumentar o entusiasmo em uma atividade até então cansativa. É barata, prontamente disponível e rápida. Embora a competição aja como uma droga que cria um momento de pico nas atividades, também produz sérias implicações. Em primeiro lugar, apenas uma pessoa é a vencedora, restando varias outras desapontadas ou frustradas. A competição também pode promover uma mentalidade que favorece as seguintes conseqüências:

- Os alunos concentram-se em si mesmos e não na comunidade.
- Os alunos sentem que o fim justifica os meios.
- Compartilhar e cooperar com os outros são opções que se tornam menos atrativas.
- Aumenta a probabilidade de conflitos e de comentários mordazes.
- Cresce o desinteresse e o aborrecimento com as atividades menos intensas, não-competitivas.

- Nos alunos, a percepção do eu é movida pela conquista de status ou pelo ganho material, pelas preferências, pelos valores e pela motivação/satisfação intrínsecas.
- A crítica e a avaliação de si mesmos e dos outros infiltram-se em suas experiências.
- A falta de vínculos distorce a interação com os outros, que são vistos como competidores.

Para os alunos que lutam para deixar de se envolver com o desrespeito e o *bullying*, a competição é um convite a problemas. O estresse e a frustração inevitáveis de se enxergar nos outros um oponente podem ser excessivamente estimulantes. O que normalmente ocorre é que os alunos que têm problemas questionam sua auto-estima enquanto pessoas, e a competição transforma-se tanto em um contexto para provar que eles têm auto-estima (o que significa que há muito em jogo), ou acaba sendo outra oportunidade de esses alunos confirmarem a si mesmos a idéia de que são perdedores ou inadequados.

Como principal elemento motivador, a competição, se torna prejudicial ao longo do dia. Por suas implicações, a competição é utilizada em apenas alguns sistemas educacionais, ou esporadicamente em certas ocasiões.

Muitas experiências em sala de aula são bem mais educativas e fecundas para nossas crianças quando facilitadas de uma maneira não-competitiva.

3.4 Levantamento sobre bullying e o desrespeito

Fora feito um levantamento enfocando duas áreas: (1) as questões envolvendo o bullying e (2) as relações entre aluno e educador. Foram feitas perguntas abertas, a fim de extrair os temas e obter um alcance mais amplo das experiências dos alunos. Quando indagados se haviam sido importunados, xingados ou humilhados na escola, 111 dos 182 alunos da 5° à 8° séries (61%) responderam que “sim”.

Diversos alunos deram exemplos de incidentes que ocorreram nas duas semanas que antecederam tal levantamento.

> "Passaram um abaixo assinado contra mim."
>
> "Me deram um empurrão no banheiro."
>
> "Fui chamado de nenê porque precisei da ajuda do fiscal do pátio."
>
> "Ficaram me provocando porque os adultos me ajudaram."
>
> "Só fui xingado, excluído e recebi um empurrãozinho. Nada de mais."

Em relação a como os alunos lidavam com a tensão e o sofrimento do *bullying* foram obtidas três respostas principais, que são as seguintes:

- Ignoram e mantêm a calma (42% dos alunos pesquisados)
- Contam com o apoio dos verdadeiros amigos (13% dos alunos pesquisados)
- Utilizam a música como forma de acalmar (11% dos alunos pesquisados)

Entre as outras estratégias mencionadas, estavam as seguintes:

- Utilizam o humor como tática de distração.
- Enfrentam os agressores e os espancam.
- Resolvem o problema discutindo com a pessoa má.
- Rezam.
- Lembram-se de certas idéias para conseguir superar a situação, tais como: "É só ciúmes de criança", "Eu sei que o que eles dizem sobre mim não é verdade" e "Tudo que vem tem volta".

Quando indagados com a pergunta aberta "Com que adulto você gosta de conversar quando você esta com raiva da escola ou triste com ela?", 53% dos alunos pesquisados informou "com meu professor". Outros funcionários lembrados nos quais os alunos confiariam foram os orientadores educacionais, os diretores e os bibliotecários, e eles também relataram que conversariam com os pais. Como somos proponentes do envolvimento da comunidade, a nós interessou o grande número de alunos que relatou que gostaria que os pais que estão ausentes estivessem presentes para apoiá-los no caso de alguma angústia. Também merece ser mencionado o fato de que 12% dos alunos pesquisados tenham escrito "com

ninguém”, uma resposta que demonstra ou uma necessidade de privacidade e de reflexão, ou uma falta de vínculos em relação aos adultos e/ou aos colegas.

Como mais de 50% dos alunos relataram sentir uma inclinação a conversar com o professor em momentos de dificuldade, ficamos curiosos em saber o por quê. O que leva um aluno a aproximar-se mais de um professor? Duas das principais respostas foram:

- Dos entrevistados, 54% relataram sentir uma aproximação maior com um professor que esteja disponível em termos emocionais e que se esforce para relacionar-se com os jovens e para discutir tópicos relevantes nos quais ambos acreditem. Os jovens que fizeram parte de nosso levantamento apegam-se mais àqueles professores que são gentis, têm muito senso de humor e ajudam os alunos a se compreender melhor.
- Trinta e oito por cento dos alunos relataram que se sentiam próximos a um professor quando recebem ajuda em termos acadêmicos, quando são parabenizados e elogiados.

Muitos alunos relataram que tanto as atitudes quanto a falta de atitudes dos professores geralmente deixavam os alunos mais aborrecidos quando sentiam que os professores eram insensíveis, não queriam escutar, não pareciam se importar, ou os ignoravam. Entre os exemplos dos alunos, estavam momentos em que os professores declaravam coisas como “Vai se acostumando”, “Não me incomode” e “Resolva isso sozinho”. Outros disseram que alguns professores ficavam sondando e não paravam de tocar no assunto dos problemas, mesmo quando o aluno expressava uma necessidade de espaço e de tempo para pensar.

3.5 Comunidade e diversidade

A maioria das escolas públicas, entre diversas instituições, não tem um envolvimento com uma comunidade.

Entretanto, esse quadro não precisa ser assim, e não são todas as escolas que o aceitam. Há inúmeras vantagens e formas muito simples de incentivarmos os

educadores ao mesmo tempo em que auxiliamos os alunos a compreenderem os valores da comunidade e a beleza do dar pelo prazer de dar.

É possível lidar com o sentido de pertencimento dos alunos quando estes se envolvem um dia por semana ou por mês em um tipo de trabalho comunitário. É importante que o projeto seja escolhido pelos alunos ou selecionado entre diversas possibilidades apresentadas pelos professores. Entre os exemplos de ação comunitária, poderíamos citar atividades como trabalhar em um abrigo para animais, trabalharem em creches de turno integral ou em clínicas de repouso, participar de atividades de embelezamento do bairro, ajudar o zelador, pintar murais nas paredes da escola, entre outros.

Muitas vezes, os alunos também se interessam em saber mais sobre a vida de outras crianças. Um diretor ressaltou certa vez que os alunos sua escola estão aprendendo a falar espanhol. Depois de aprenderem o suficiente para ler em espanhol, vão visitar outra escola do outro lado da cidade a fim de fazer leituras de livros infantis para crianças da pré-escola. Outro diretor explica como turmas companheiras poderiam envolver-se em encontros voltados a projetos de aulas e ao aprendizado, uma visando à escola da outra. Esse sistema traria ainda outras vantagens, como dar aos alunos um senso de comunidade, diminuir sua sensação de isolamento e aumentar o respeito pelos alunos que são diferentes.

Aumentar o envolvimento da comunidade é um esforço que requer tempo dos alunos, incluindo o tempo gasto fora do horário de aula. Os educadores precisam estar cientes de que os benefícios do envolvimento da comunidade são enormes e de que talvez seja necessário reavaliar a distribuição de tempo e as políticas referentes aos deveres de casa para permitir a realização de atividades mais diversas.

Além dessas observações, os alunos também se beneficiam de um senso de comunidade criado pela relação entre seus pais e o professor. Esse relacionamento ajuda a entrelaçar aspectos significativos da vida dos alunos que, de outra forma, não estariam vinculados; permite a eles enxergar seus pais através dos olhos do professor e dos outros alunos, dando-lhes um espaço livre para refletir a respeito do valor dos cuidados que recebem de seus pais; transforma a jornada

educacional em um esforço em família, no qual todos estão interessados e envolvidos no aprendizado.

Para os alunos desprivilegiados, a oportunidade de testemunhar e de trabalhar com pessoas de sua própria comunidade e de comunidade mais privilegiadas podem servir para ampliar os horizontes de seus próprios sonhos. Para alunos de classe média alta, os benefícios surgem do fato de serem expostos a um contato com pessoas que pertençam a uma cultura mais ampla, munindo-se de uma visão mais realista da vida e de suas lutas. Esses alunos conseguem desenvolver vínculos que lhes permitem enxergar os outros como pessoas, apesar das barreiras étnicas ou de classe, uma prática que também reduz a insensibilidade cultural.

O conceito da sensibilidade cultural refere-se a uma experiência do indivíduo consigo mesmo – uma experiência de sentir-se aberto e receptivo as diferenças, ao mesmo tempo em que se permanece consciente do preconceito promovido em sua subcultura. Quais poderiam ser os benefícios de se viver em um ambiente diverso? Para muitos, entre os benefícios estão uma variedade maior de soluções e de costumes, mais flexibilidade e segurança, uma gama mais ampla de inovações, um senso maior de comunidade e uma vida mais rica em termos de possibilidades de jeitos de ser. Para que todos integrem essa parte importante da vida, é necessário que isso se reflita as escolas.

De acordo com Robins et AL (2002) “Valorizar a diversidade é ensinar com a intenção de valorizar a diversidade e prestar atenção àqueles aspectos que refletem a diversidade em sua sala de aula. (...) Quando você é instrutor culturalmente proficiente, você trata os aprendizes de um modo que eles reconheçam como respeitoso, o que talvez consista na utilização de um critério diferente para o respeito do que você empregaria para você mesmo”.

Algumas organizações notáveis estão a disposição para troca de informações com professores e diretores, a fim de promover o enriquecimento cultural, tanto em termos de currículo quanto da comunidade escolar. As nuanças, as perspectivas e a riqueza de informações oferecidas pela consciência cultural são realmente impressionantes e gratificantes para aqueles que dedicam um tempo para buscá-las e para vivê-las.

Segundo Hill, (2001) “As pessoas passam a compreender melhor umas às outras e a ter mais paciência quando as diferenças são vistas como presentes a ser trocados, em vez de problemas a ser eliminados”.

3.6 Observações preliminares e propostas de intervenção

O bullying pode ser considerado apenas como uma das facetas da discriminação, uma forma inocente e agressiva de indicar o quanto as pessoas estão envolvidas com os estereótipos culturais, que são estabelecidos diariamente por homens e mulheres na sociedade familiar, influenciando sobretudo no ambiente escolar, onde as crianças e os jovens os acabam reproduzindo.

Segundo Myers *(2000, p. 182) o p*reconceito é um pré-julgamento negativo de um grupo e de seus membros individuais. O mesmo nos predispõe contra uma pessoa com base apenas no fato de identificarmos a pessoa a um grupo determinado. O preconceito é uma atitude, [...] uma combinação distinta de sentimentos, inclinações para agir e convicções. Para Nunan (2003), o preconceito é histórico e socialmente construído, e o mesmo resulta na discriminação, que é o comportamento, o modo de agir do grupo social, marcado por raiva, rejeição e repulsa.

Habermas (2001) prevê, em sua teoria da ação comunicativa, que os que estão prontos e com disposição para serem convencidos tenderão a mudar de atitude e prática após participarem de eventos argumentativos sérios, em que são convidados a refletir sobre a justiça, justeza e ética de seus comportamentos.

Na linha de ação educativa de Stoer (2004), cabe à escola a tarefa de se recontextualizar para favorecer o debate franco, corajoso e objetivo das questões que afligem sua comunidade. Segundo a orientação de Bernstein (2001) é dever da escola recontextualizar-se e reposicionar-se face a este grave problema, de modo que fique explícito, no código de ética da escola, discutido e acolhido por professores e alunos, que nenhuma criança ou adolescente pode ser desrespeitada, agredida, ameaçada ou negligenciada, nesse espaço de convívio e formação.

Devemos auxiliar nossos alunos, independentemente do gênero, para que sejam mais pacientes e tolerantes, que possam conviver com a desigualdades, abstraindo apenas o que cada um tem de melhor, seja referente a uma qualidade física ou não (MACHADO, 2011). Para quem sabe assim evitarmos que os mesmos usem suas capacidades físicas para variadas formas de agressão. Por isso o uso de intervenções que utilizam do poder da argumentação e do debate poderia auxiliá-los a repensar em determinadas atitudes e práticas habituais.

Segundo Betti (1994a, 1994b) é tarefa da Educação Física preparar o aluno para ser um praticante lúcido e ativo, que incorpore o esporte e os demais componentes da cultura corporal em sua vida, para deles tirar o melhor proveito possível. A Educação Física deve, progressiva e cuidadosamente, conduzir o aluno a uma reflexão crítica que o leve à autonomia no usufruto da cultura corporal de movimento.

Pensado de forma criativa, contemporânea e lúdica, os conteúdos aplicados numa aula de Educação Física poderiam trabalhar diversos aspectos da nossa sociedade, em virtude de seus objetivos específicos, do contexto e das características e necessidades de sua clientela, possibilitando ao professor, ou profissional, a construção de uma metodologia de ensino singular em face das outras disciplinas, favorecendo em muito o desenvolvimento pleno do educando – afetivo, social e motor.

Primeiramente para uma intervenção referente ao *bullying*, o importante seria identificar o individuo em relação a sua interação e atuação frente ao problema. Devemos através de uma breve investigação, da observação, de comentários, descobrir qual o papel desempenhado pelo individuo na prática dessa violência, se o mesmo é autor, vítima, ora vítima ora agressor, ou testemunha.

Posteriormente seria interessante desenvolver nas aulas de educação físicas atividades relacionadas à ética, aos valores, explorarmos os conceitos relacionados a liberdade, igualdade, respeito, e assim por diante (MACHADO, 2011). Atividades que visam discutir algumas problemáticas da sociedade, atividades ligadas a desigualdades físicas e psicológicas (atividades físicas adaptadas), entre outras.

Trabalhar assuntos polêmicos com os alunos numa forma de debate também ajudaria a salientar como os alunos deveriam encarar e agir em relação a determinados contextos: Homossexualismo, preconceitos diversos, desigualdade social, etc. Nesse caso, o professor poderia procurar desenvolver com os alunos casos internos relacionados ao *bullying*, por exemplo, ou trazer para dentro da escola algum caso ocorrido em outro lugar, focando as causas e conseqüências de alguns atos.

Precisamos nos lembrar que a elaboração das atividades devem ser baseadas em reflexões, onde os alunos se tornem aptos à criar, criticar, e raciocinar de forma única e autônoma, podendo assim, enfrentar os mais variados obstáculos que possam surgir no decorrer de suas vidas. Outras estratégias relevantes para a prevenção desse fenômeno seriam a elaboração e a utilização, em aulas de educação física, de materiais impressos, como livros infantis, infanto-juvenis, gibis ou literatura de cordel, que discutam criticamente o *bullying*.

Corroborando com as estratégias e princípios metodológicos elaborados por Betti e Zuliani, (2002), entendemos que os conteúdos devem sempre propiciar a inclusão de todos os alunos, seguindo o princípio da inclusão social. A escolha dos conteúdos deve incidir sobre a totalidade da cultura corporal de movimento, incluindo jogos, esportes, atividades rítmicas/expressivas e dança, lutas/artes marciais, ginásticas e práticas de aptidão física, com suas variações e combinações. Os temas abordados necessitam adquirir certa complexidade crescente referente as atividades motoras e cognitivas, levando em conta, posteriormente, às características, capacidades e interesses do aluno .

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa tem seu início num estudo de revisão bibliográfica temática. A partir daí, em buscas sistemáticas e focadas, buscaremos ampliar os pontos de análises apoiados em uma pesquisa documental em que utilizaremos de reportagens de revistas, jornais, filmes, ciberespaços e programas televisivos, contextualizando nosso objeto de estudo.

A pesquisa documental tem um caráter exploratório e investigativo que facilita a manutenção do fio da história, de modo a favorecer o estudo e a compreensão dos acontecimentos, na medida em que forem sendo focados pelos canais midiáticos analisados.

A título de explicitação, buscaremos dados em jornais e revistas semanais, em entrevistas dos canais abertos de televisão e em jornais de grande circulação (FSP e ESP), que serão balizados pelos autores clássicos e de vanguarda que estudam o fenômeno sócio-psicológico do *bullying*.

4.1 Dados Coletados

No jornal FSP de 20/05/2010, C4, encontramos a notícia intitulada “Justiça condena pais de alunos por *Bullying*”, em que é relatado:

> “A Justiça de Minas condenou em primeira instância os pais de um aluno do colégio Santa Dorotéia, instituição de classe média alta no bairro Sion, zona sul de Belo Horizonte, a pagar uma indenização de R$8.000 pela prática na escola, pelo filho, de *bullying* (intimidação moral) contra outro adolescente”.

Já existe uma demanda jurídica em função das atitudes de agressão e violência sugerida pelo bullying. É interessante perceber a entrada de famílias ou de membros de comunidades próximas do agressor tanto para defende-lo como para

diminuir a sua função politicamente incorreta; a legislação não consegue, entretanto, estabelecer atitudes corretivas e corteses para entorno do agressor.

> (...) "É o segundo caso tornado público nesta semana em que pais são condenados por atos de violência dos filhos dentro da escola. A Justiça gaúcha impôs aos pais de um menino de 13 anos o pagamento de R$2.000 a uma professora agredida por ele dentro da sala de aula".

Conforme comentamos acima, algumas instituições jurídicas preferem citar a família, em seus membros de liderança, para que a situação agressiva seja banida ou contida. No mesmo raciocínio apresentado para a citação anterior, entendemos a dificuldade em chegar no centro da questão: o agressor. Desta maneira, fica explícita a ação de coação sobre uma parte do problema e falta explicitar a ação generalizante sobre o núcleo agressivo.

No jornal FSP de 28/02/2011, folhateen, pag.5, foi encontrada a notícia intitulada "'*Bullying'* é arma para ganhar popularidade", em que é relatado:

> "Uma pesquisa da Universidade da Califórnia entrevistou mais de 3.000 alunos do ensino médio americano e concluiu que os jovens que querem chegar ao topo da liderança de suas turmas recorrem, muitas vezes, a brigas, ofensas e boatos maldosos para chegar lá. É como se a humilhação fosse uma estratégia de poder".

Parece que a agressão social tem se tornado uma pratica de rotina. Talvez, por isso, vemos um grande numero de estudantes que se apropriam de gestos não recomendáveis, como se estes atos estivessem dentro de um padrão de normalidade, transformando o não-social num procedimento totalmente aceitável e recomendado.

O motivo que leva estes jovens a esse tipo de atitude é o mesmo que leva as pessoas do seu grupo social a tomar atitudes adequadas em situação de risco; analisar tal situação nos possibilita enxergar distorções entre os grupamentos humanos, os juízos de valores e as aplicações destes juízos em ações rotineiras, independente do fato destas ações prejudicarem ou não alguém: tudo se transforma numa mesma mesmice.

No jornal FSP de 02/04/2011, C-9, encontramos a notícia intitulada "10 jovens são acusados de *bullying* contra colega", em que é relatado:

> "O conselho apurou que o garoto foi perseguido pelos jovens (de 11 a 17 anos), agredido e humilhado. O grupo o obrigou ainda a tirar o short. Um vídeo com as agressões chegou a ser colocado na internet, mas já foi retirado".

Outra situação interessante, se não fosse drástica, configura-se na exposição agressiva nos meios de comunicação. A cada dia vemos, cada vez mais, vídeos em que são apresentados cenas agressivas e chocantes com contextos anti-sociais e chantageadores, quando não desumanizados, com o objetivo de agredir (naquela exposição) mais uma vez e garantir que tal agressão será repetida infinitamente tanto quanto forem os acessos à mídia.

Na revista Saúde, abril de 2009, pag. 52-55, foi encontrada a notícia intitulada "Bullying dói", em que é relatado:

> "A maneira de agredir varia muito: verbal, física, moral, material e até sexual. As crianças apelidam, batem, amedrontam, discriminam. De uns tempos pra cá, e-mails, blogs, fotos e SMSs incrementam o arsenal da garotada – criando a variante batizada de *ciberbullying*. O motivo que justifica o ato violento, em geral, é apenas um pretexto, qualquer coisa que diferencie a vítima: estatura, peso, pele, cabelo, sotaque, religião, notas, roupas, classe social ou outra característica que sirva ao preconceito".

O ciberbullying atende às necessidades da fluidez dos tempos modernos; este é o motivo pelo qual socializamos a informação no ciber. A cibercultura leva seus integrantes a entender que uma vez exposto na rede uma determinada informação ela será replicada tantas vezes quanto for acessado: a agressão acontece sistematicamente e atinge quando se toma conhecimento do acesso a rede e, quando imaginamos que aquele site possa estar sendo acessado.

Esta situação é responsável pelo estresse psicológico e pelo assédio psicológico impossibilitando de uma defesa ou do impedimento da ação, uma vez que a informação está livre para ser acessado quando e onde alguém estiver interessado naquele tipo de ataque, quer seja para ver ou aprender ou reproduzir a ação.

Na revista Educação, junho de 2010, pag. 50-52, encontramos a notícia intitulada "O que (quase) ninguém vê", em que é relatado:

> "O que mais chama a atenção dos pesquisadores é o local de maior incidência dos ataques. Segundo as vítimas entrevistadas pelo estudo, no Brasil o local mais usado é a sala de aula, com ou sem o professor, seguido

> do pátio. Em outros países a preferência é pelo pátio e locais de menor visibilidade, como banheiros e corredores. ‘Esse indicador alerta para a dificuldade do adulto em identificar o *bullying* como também para a forma de organização de própria escola e de sua equipe, que necessita de treinamentos específicos para identificar, intervir e prevenir o fenômeno’, destaca Cleo Fante”.

Possivelmente o local de maior incidência de ataque seja peculiar por alguns motivos: acredita-se no controle e na vigilância existente nas escolas e percebe-se que estes locais não estão providos de um investimento que garanta a seus personagens uma melhor e maior qualidade de atuação educacional.

Sendo assim, não é difícil entender que a escola apenas observa e valoriza aquilo que a ela interessa deixando de lado fatores externos que possam comprometer as relações humanas e os rendimentos pessoais. Como a correção e a punição são brandas demais, não há o que temer e vale a pena exceder na atuação agressiva por que ela é visível e transformadora.

Ressaltamos que tal visibilidade se dá num viés mal estruturado e de péssima interferência no âmbito pessoal, social e do grupamento humano, que tem se transformado num coletivo de valores elásticos e pouco comprometimento com as questões relativas a seriedade da inter-relação humana, coisa que a escola jamais poderia abandonar ou negligenciar.

5. CONCLUSÃO

Nossa analise apontou que a negligencia diante da agressividade escolar tem permitido o desenvolvimento de atitudes pouco recomendáveis ou não-sociais que interferem no desenvolvimento das relações humanas. Isto tem provocado alguns deslocamentos sócio-psicologico que gerará atitudes de inibição e medo, originando comportamentos patológicos no agredido e recompensando grosseiramente o agressor.

Segundo Marques et al (2006), necessitamos identificar as situações que poderão provocar o aparecimento de comportamentos negativos, identificar os alunos em risco, evitando que os mesmos se tornem vítimas e/ou agressores, criar mais de um horário para o recreio visando dividir o numero de turmas, realizar atividades orientadas e salientar que os alunos não realizem atividades físicas de forma intensa, agressiva e sem supervisão (como jogar futebol, correr e realizarem brincadeiras de luta).

Parece nos estranho que a escola fique a margem de uma correção diante de um comportamento tão estranho e tão danoso, no entanto, nem professores nem pais têm interferido no processo educativo de seus comandados e, isso tem acarretado uma alteração na formação da pirâmide social.

O processo de liderança mal estruturado e pouco adequado passa a ser a causa básica deste problema, em especial quando notamos que nem professores,nem gestores educacionais, nem ao menos os familiares querem se envolver ao ponto de diminuir e reeducar o agressor ou acolher com propriedade a vítima da agressão.

Tem sido recorrente o fato da vitima parecer culpada pelo ataque (ele foi atacado porque é gay; ele foi atacado porque usa óculos, ela foi atacada porque é gorda) o que já inicia o processo de recuperação do ataque em desvantagem e pouco possibilitando o avanço e a melhora do quadro psicopatológico. A vítima

continuará vítima pelo simples fato de existir, parece-nos ser a tônica. E diante disto não há suporte ou alteração que possa ajudar ou reajustar aquele sujeito à sociedade de origem.

A lei garante uma opção de limite das agressões e propõem algumas correções, mas não consegue ampliar o nível de zelo e cuidado que se deve ter para co o semelhante. A punição não garante o não-ataque. E processos socializantes estão se mostrando pouco eficientes.

Nas atividades físicas, e aulas de Educação Física, fica mais evidente a ocorrência de fatos anti-sociais, apenas pela razão de haver um controle menor e uma liberdade maior de expressão. Não se trata de um defeito ou de uma situação agravada, mas de uma situação específica que merece outros e melhores olhares, por parte dos lideres destas atividades.

Num jogo ou num campeonato é comum se ouvir gracejos e ofensas, que em sua raiz não têm o foco principal na agressão, mas na possibilidade de desestabilizar momentaneamente. Apesar disto já configurar o *bullying*, entendemos que o ato possa vir a ser analisado com olhos outros que apontem para uma torcida ou uma atitude desfocada, desorganizada ou não-educada (de modo social), que acaba por se tornar numa ação perigosa e geradora de perdas morais e psicológicas.

A linha tênue que separa um e outro gesto não pode ficar a critério do pesquisador, mas deve haver um senso de responsabilidade por parte de quem lidera o grupo, ensinando a cada um dos membros aquilo que se tem como código de atitudes corretas. Entendemos ser este o caminho de uma sociedade que busca equilíbrio entre seus membros e equaciona as situações agressivas de modo a puni-las adequadamente

Talvez, entendemos ainda, a Educação Física, tenha muito que fazer, neste sentido; oferecer um plano de trabalho em que cada um se desenvolva ao seu ritmo e habilidade específica, sendo respeitado pelos seus pares, é uma situação agradável que já acontece nas melhores aulas. E pode servir de base para todas elas.

O trabalho conjunto entre professores e familiares possibilitará uma ação unificada e assertiva que favorecerá a compreensão de normas e sua interiorização,

de modo a não se tornar algo supérfluo e pouco produtivo. Talvez seja este o caminho que os dois focos de educação formal e informal devam seguir: a união de forças e a incidência de liderança sobre seus comandados. Ganhará a escola e a sociedade, mas o grande ganhador será o cidadão dali surgido.

Nosso trabalho permitiu verificar que os objetivos buscados são fortes indicadores de caminhos educacionais a serem implantados em famílias e escolas, com quaisquer que sejam seus membros. O *bullying* familiar deve ser observado com muita precisão, tanto quanto o escolar. Por isso o trabalho conjunto excitará a uma resolução conjunta.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAPIA - Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência. Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Disponível em: <htpp://www.bullying.com.br/Bconceituação21.htm>. Acesso em:15 set.2005.

AMARAL, J. D. **Jogos cooperativos**. São Paulo: Phorte, 2004.

BALLONE, G. J. **Maldade da infância e adolescência**: bullying. PsiqWeb 2005. Disponível em: <http:// virtualpsy.locaweb.com.br/index.php?art=372&sec=20>. Acesso em: 18 de agosto de 2011.

BEAUDOIN, M-N; TAYLOR, M. **Bullying e desrespeito**: como acabar com essa cultura. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

BERNSTEIN, B. Das pedagogias aos conhecimentos. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto, 2001.

BETTI, M. Atitudes e opiniões de escolares de 1º grau em relação à Educação Física. In: **XIV SIMPÓSIO DE CIÊNCIA DO ESPORTE.** 1986. São Caetano do Sul. Anais. São Caetano do Sul. Celafiscs. Fec. do ABC, 1986. p. 66.

BETTI, M. Ensino de 1º. e 2º. graus: Educação Física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 13, n. 2, p. 282-7, 1992.

BETTI, M. Valores e finalidades na Educação Física escolar: uma concepção sistêmica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 16, n. 1, p. 14-21, 1994a.

BETTI, M. O que a semiótica inspira ao ensino da Educação Física. **Discorpo**, n. 3, p. 25-45, 1994b.

BETTI, M. Educação Física, Esporte e Cidadania. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** Florianópolis, v.20, n.2, p. 84-92, abr-set, 1999.

BETTI, M; ZULIANI, L. R. Educação Física Escolar: Uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo: Editora Mackenzie. Ano 1, nº1,p73-81, 2002.

BOTELHO, R. G.; SOUZA, J. M. C. de. Bullying e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. **Revista de Educação Física**, n.139, p. 58- 70, 2007.

BROTO, F. O. **Jogos cooperativos**: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. Santos. SP: Editora Projeto Cooperação, 2001.

CATINI N. **Problematizando o bullying para a realidade brasileira**. Tese de Doutorado em Psicologia. Campinas: PUC-Campinas, 2004.

CONSTANTINI A. **Bullying: como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens.** São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 12 ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

Coletivo de autores. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CURY, A.J. **Inteligência multifocal:** análise da construção dos pensamentos e da formação de pensadores. São Paulo: Cultrix, 1998.

CURY, A.J. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

Federation Internationale D'Education Physique. **Manifesto Mundial da Educação Física**. Paraná: Kaygangue, 2000.

HABERMAS, J. **Pensamento pós-metafísico** : estudos filosóficos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. 197 , Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 173-197, maio/agosto de 2006. Bullying nas aulas de educação física.

HILL, L. D. (2001). **Connecting kids.** British Columbia, Canada: New Society Publishers.

LOPES NETO, A.A; SAAVEDRA, L.H. **Diga não para o bullying** – programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MACHADO, A.A. Medo e vergonha na Educação Física Escolar. In: **COLEÇÃO PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**, VOL 10, N.03, p. 143-150, 2011.

MARQUES A.R, FERREIRA NETO C.A, PEREIRA B, ÂNGULO J.C. **Bullying no contexto escolar:** jogo e estratégias de intervenção. Cinergis 2005; 6(1):81-95.

MYERS, D. G. **Psicologia social.** Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

NUNAN, A. **Homossexualidade:** do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

OLIVEIRA, F. F. Discriminação de gênero nas aulas de educação física. In: **Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte**, 14., 2005, Porto Alegre. **Anais...** Rio de Janeiro: UGF, 2005.

OLWEUS, D. Hostigamiento y vejaciones en la escuela: un programa de intervencion. **Perspectivas**, v. 25, n.1, p. 139-145, 1995.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

RESENDE, H. G.; SOARES, A. J. G. Elementos constitutivos de uma proposta curricular para o ensino-aprendizagem da Educação Física na escola: um estudo de caso. **Perspectivas em Educação Física Escolar**. Niterói-RJ, EDUFF, v.1, p.29-40, mar, 1997.

ROBINS, K. N., LINDSEY, R. B., LINDSEY, D. B., & TERRELL, R. D. (2002). **Culturally proficient instruction.** Thousand Oaks, CA: Corwin.

RODRIGUES, A; ASSMAR, E; JABLONSKI, B. **Psicologia social.** 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

RODRIGUES, A; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKI, B. **Psicologia social.** 23ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho.** 3. ed. São Paulo: Moderna, 1987.

SOLER, R. **Jogos cooperativos**. RJ: Sprint, 2002.

SOLER, R. **Brincando e aprendendo com os jogos cooperativos**. RJ: Sprint, 2005.

SCOTT, J. W. O enigma da igualdade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p.11-30, jan./abr. 2005.

STAINBACK, W; STAINBACK, S. **Inclusão:** um guia para educadores. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

STOER, S. R.; MAGALHÃES, A. M.; RODRIGUES, D. **Os lugares da exclusão social:** um dispositivo de diferenciação pedagógica. São Paulo: Cortez, 2004. 150 p.

TEIXEIRA, A.H.L. ***Quem ganha fica? Os jogos e brincadeiras na escola*.** Revista Digital. Buenos Aires: ano 11 n. 101.Outubro, 2006. Disponível em: <http//www.efdeportes.com>. Acesso em: 11/10/2006.

VAZ, A.. Futebol e representações de gênero: engendrando ações afirmativas e pedagógicas. In: SOUZA, Adalberto dos Santos. **Desafios para uma educação física crítica.** São Paulo: Cult, 2005.